

Registro de um centenário

UM SÉCULO COM NERUDA: 1904-2004

Elga Pérez-Laborde

Doutora em Teoria Literária
Universidade de Brasília

Esse texto foi apresentado nas Rodas de Leitura do Teatro do Centro Cultural do Banco do Brasil, de Brasília, em 21 de julho de 2004, como motivo do centenário do Poeta e foi ilustrado com poemas e canções a cargo da autora e do escritor e acadêmico Danilo Lobo, acompanhados pelo violonista Carlos Pascoal.

O poeta Pablo Neruda é o filho do Chile mais conhecido e premiado em todo o mundo. Escreveu uma centena de livros de poesia, um romance, - *El habitante y su esperanza* (1925) sob a influência do surrealismo, e uma peça de teatro - *Fulgor y muerte de Joaquín Murieta* (1967). Considerando apenas as línguas inglesa e espanhola, hoje se diz que a poesia do continente americano limita-se ao norte com Walt Whitman e ao sul com Pablo Neruda. No centro, entre os dois limites, encontram-se Rubén Darío e César Vallejo, de Nicarágua e Peru, respectivamente.

“O filho da chuva”, como o chamavam, foi um homem sem limites, sem fronteiras geográficas nem poéticas. Escreveu diversos tipos de poesia: poesia romântica, poesia telúrica, poesia humanista, poesia cósmica, poesia política, o que levou a se pensar, no meio literário, que existiam vários Nerudas. Mas, na realidade, só havia um e, de acordo com a crítica mais apurada, um Neruda com absoluta unidade e continuidade poética, desde 1919 até 1973, ano de sua morte, um só poeta que abraçou todos os temas do homem e sua existência, com uma pluralidade de técnicas. Artífice da poesia impura, cantou as coisas “criadas pela mão suada do homem”, fez do humano seu compromisso: *Así sea la poesía que buscamos, gastada como por un ácido por los deberes de la mano, penetradas por el sudor y el humo, oliente a orina y azucena...*

Neftalí Reyes Basualto, seu nome original, filho de um operário e de uma mulher que morreu pouco depois de ele nascer, foi poeta desde criança, segundo certifica em sua introdução à “Infância e Poesia”. A poesia manifestou-se nele a partir

de uma notória relação com a natureza, numa procura consciente da beleza e das coisas estranhas nas pedras, plantas, insetos, animais. Colecionava aranhas, tinha os bolsos cheios de escaravelhos, cuidava dos cisnes moribundos. Percebia a vida secreta das árvores e deliciava-se, mais do que com qualquer outra coisa, com as intensas chuvas. Conservava também a lembrança de Temuco, a última fortaleza dos índios guerreiros araucanos, de onde foram expulsos como animais selvagens.

Temuco era uma pequena cidade com casas de madeira mofada, nas ruas de barro, sob as chuvas incessantes. As selvas se expandiam, as tempestades corriam até o mar, às vezes os vulcões mais próximos lançavam chamas com erupções ameaçadoras, sem contar as inundações, o fogo e os tremores da terra. Incêndios devastavam a cidade e, de repente, as velhas casas eram substituídas por outras novas que cheiravam à madeira fresca e ofereciam superfícies brancas e lisas para nelas se escrever. Nessas paredes, Neruda colava muitos de seus poemas mais precoces. Sua primeira coleção de poesia, *La canción de la fiesta*, apareceu em 1921; a segunda, *Crepusculario*, dada a lume dois anos mais tarde, embora, em suas *Obras Completas*, essa produção de juventude apareça registrada no ano 1919, o que nos indica que uma parte já tinha sido criada quando o poeta tinha 15 anos.

No início, encontram-se os inevitáveis sonetos, mas não são nem exercícios nem imitações pálidas. Parecem equilibrados, sem esforço, maduros e profundamente sérios. Aparecem neles objetos vizinhos palpáveis: a chuva e o pão, a igreja e o cego, o perfume de lilás. E já invoca neles a mulher de *Carne y sueño*, de felicidade e de dor. Em poemas mais livres, como *Farewell*, examina o amor breve do marinheiro,

*Amo el amor de los marineros
que besan y se van
dejan, dejan una promesa
no vuelven nunca más.*

cuja prenda é um menino triste que olha para o futuro,

*Desde el fondo de ti, y arrodillado,
Un niño triste, como yo, nos mira...*

Em sua travessia poética nunca se afastou da natureza, os elementos configuram uma constante nas imagens que povoam seu canto, desde a poesia de juventude, desesperada de solidão, até a maturidade visionária do homem engajado e político, como mostra nas *Odas elementales*, nos anos cinqüenta, cantando às coisas e aos homens simples através de versos breves e vitais, como nesta estrofe que elegemos de sua “Oda al aire”,

*No, aire,
no te vendas,
que no te canalicen,
que no te entuben,
que no te encajen,
ni te compriman,
que no te hagan tabletas,
que no te metan en una botella,
cuidado!
llámame,
cuando me necesites,
yo soy el poeta hijo
de pobres, padre, tío
primo, hermano carnal
y concuñado
de los pobres, de todos,
de mi patria y las otras,
de los pobres que viven junto al río...*

Neftalí transformou-se em Neruda aos catorze anos de idade para esconder do pai a sua afeição pela poesia. Mas o pai o apoiou e teve um papel importante durante sua adolescência. Foi o herói da realidade exterior, o condutor dos trens que cruzavam retumbando através dos bosques do sul entranhável com seu cheiro de carvão.

Uma mistura heterogênea de clássicos e folhetins se achava no ambiente familiar de sua infância, mas não a religião. Só aos doze anos visitou pela primeira vez uma igreja com sua madrasta; estava coberta de musgo e absolutamente vazia de homens. O que ficou na memória de Neruda foram os lilases, com seu perfume intenso.

A escola e os estudos ficaram nele associados ao pensamento de um frio agudo: o galpão de madeira, que era o colégio, não tinha calefação. Ali, ensinava uma mulher morena, vestida de preto, com um sorriso de branco deslumbrante e que emprestava livros ao menino durante encontros tímidos. Era ela Gabriela Mistral. A grandeza do poeta já tinha sido sentida por Gabriela desde os seus inícios. A escritora galardoada com o Nobel em 1945, na cerimônia de recepção declarou com uma modéstia que lhe era característica diante do mundo que em sua terra havia outro poeta maior que deveria estar em seu lugar e que sem dúvida todos chegariam a conhecer algum dia. O vaticínio de Gabriela cumpriu-se 26 anos mais tarde.

Neruda inventou seu pseudônimo para fazer da poesia um apostolado. A poesia foi sua razão de ser e seu destino ineludível. Quaisquer que tenham sido as impressões literárias que recebeu, sua peculiaridade poética surgiu, em primeiro lugar, de sua profunda chilenidade, pela natureza violenta de sua pátria, seu clima insistente, seu dramático mundo elementar.

Se a origem da sua poesia está ligada à chuva, ao fogo, à melancolia, à ameaça de destruição, à ternura e o furor, assim como às primeiras experiências amorosas; com o tempo cresceu e se transformou, mas sempre ficou fiel a princípios fundamentais de humanidade. Chegou a abraçar toda a América Latina e o mundo inteiro movido pelo drama do destino individual que atingiu mais e mais a luta pela vida das massas, o combate das classes e dos sistemas sociais.

Em cinquenta anos de fecunda produção, Neruda conseguiu ocupar um lugar inamovível entre os grandes inovadores da linguagem poética, junto a Garcilaso, Góngora e Quevedo, e está considerado um dos três poetas do século XX que tiveram uma significação decisiva na evolução da lírica castelhana desde Rubén Darío, junto com Gabriela Mistral e Vicente Huidobro.

Quando chegou à Espanha, designado cônsul do Chile em Barcelona e, logo depois, em Madri (1934), foi seu amigo, o poeta granadino Federico García Lorca, que o apresentou aos jovens poetas com estas palavras:

Peço que ouçam um autêntico poeta, dos que tem os sentidos adestrados, num mundo que não é o nosso e que pouca gente percebe. Um poeta mais perto da morte que da filosofia, mais perto da dor que da inteligência, mais perto do sangue que da tinta. Um poeta pleno de vozes misteriosas, que afortunadamente ele mesmo não sabe decifrar, de um homem verdadeiro que sabe que o junco e a andorinha são mais eternos que a dura cara de uma estatua...

A América espanhola nos envia constantemente poetas de diferente essência... Mas nem todos têm o tom da América. Muitos parecem peninsulares e outros colocam em sua voz acentos estranhos, quase sempre franceses. Mas, nos grandes, explode a luz plena, romântica, cruel, desorbitada, misteriosa, da América. Esses poetas dão o tom dramático do grande idioma espanhol dos americanos, tão ligado a nossos clássicos: poesia que não tem vergonha de quebrar moldes, que não teme o ridículo e que se põe a chorar de repente no meio da rua.

A partir da Guerra Civil Espanhola, a imagem de Neruda foi crescendo até atingir um imenso âmbito universal. Essa experiência o marcou profundamente e foi determinante em sua postura política. O poeta espanhol Rafael Alberti conta na *Antologia poética* de Neruda, que publicou depois de sua morte:

Agora vou lembrar como depois de tua *Residencia en la tierra*, de teus *Cantos materiales*, da publicação na Espanha de tua revista *Caballo verde para la poesía*, de tanto lirismo delirante de homem só e atormentado, embora desligado de outros fundos vitais que ainda não te tocavam, trouxeste-me teu primeiro poema desesperado e engajado até a medula com aquela terrível guerra na que já estavas vivendo. Era o “Canto a las madres de los milicianos muertos”, um dos melhores poemas iniciais do teu novo livro *España en el corazón*, que Louis Aragon saudava na França como a introdução mais gigantesca à literatura moderna de nosso tempo. Entretanto eras diplomata e me pediste que o publicasse sem teu nome, coisa que assim fizemos na página central do “Mono Azul”, a revista de guerra para os soldados, que publicava nossa Aliança de Intelectuais Anti-fascistas.

Logo depois, quando Madri foi selvagemmente bombardeada, com teu bairro de Argüelles, onde se erguia tua Casa das Flores, pudeste ver, então, Pablo, o sangue das crianças pelas ruas, o sangue de todo o povo espanhol pelas ruas, deixando-te banhado dele para sempre, para toda tua vida, que terminou, enquanto também corria pelas ruas, misturado ao de teu Presidente, o sangue do arrojado e puro povo chileno.

E ainda perguntais por que a sua poesia não nos fala do sonho, das folhas, dos grandes vulcões do seu país natal?

A metamorfose interior que a Guerra Civil provocou em Neruda podemos apreciá-la no seu poema “Explico algunas cosas” da obra *España en el corazón*. Citamos alguns versos:

Preguntaréis: Y donde están las lilas?

Y la metafísica cubierta de amapolas?

*Y la lluvia que a menudo golpeaba
Sus palabras llenándolas
De agujeros y pájaros?*

Os voy a contar todo lo que me pasa.

Logo de contar de sua vida num bairro de Madri, fazendo recordações de sua casa das flores “*porque por todas partes estallaban geranios*”, quase num diálogo com os poetas amigos, Raúl, Rafael, Federico, dos tempos ainda de paz, Neruda passa às lembranças brutais da guerra:

*Y una mañana todo estaba ardiendo
y una mañana las hogueras
salían de la tierra
devorando seres,
y desde entonces fuego,
pólvora desde entonces,
y desde entonces sangre.
Bandidos con aviones y con moros,
bandidos con sortijas y duquesas,
bandidos con frailes negros bendiciendo
venían por el cielo a matar niños,
y por las calles la sangre de los niños
corría simplemente, como sangre de niños.*

As lembranças de Alberti nos dão uma idéia das motivações que conduziram Neruda pelo caminho político numa definição que lhe custou muitas batalhas, perseguições e exílios:

*Generales
traidores:
mirad mi casa muerta,
mirad España rota...*

Alberti, dialogando com o poema lhe diz: “o início do teu compromisso com teu povo, com todos os povos do mundo, está cheio de aquele primeiro sangue inocente que

viste correr pelas ruas da Espanha”. No final do poema, Neruda tenta explicar “algumas coisas” não sem certa ironia, contestando os eternos intolerantes de sua postura política:

*Preguntaréis por qué su poesía
No nos habla del sueño, de las hojas,
De los grandes volcanes, de su país natal?*

Mas, ao mesmo tempo, levaram-no por um caminho poético de maturidade monumental. Alberti lembra que quando acabou a Guerra Civil, vivendo juntos em Paris, Neruda começou a organizar uma viagem de navio, o Winnipeg, que levou para o Chile mais de três mil soldados espanhóis, operários especializados, salvos dos campos de concentração.

España en el corazón pode ser considerada a *Guernica* de Neruda, estando de várias formas relacionado com a pintura de Picasso. Representa uma mobilização de todos seus recursos artísticos. Dá uma visão, às vezes dispersa e bem organizada da Espanha da Guerra Civil, com diferentes planos intercalados uns nos outros. Utiliza uma espécie de conjurações: brancas, quando se trata das esperanças do lado popular, negras, quando se trata da derrota dos usurpadores fascistas. O poema invoca a morte como essência da vida, cada gota de sangue derramada como uma semente da qual nascerão a esperança e o futuro. A vitória vivia mais forte no poema do que qualquer derrota e só necessitava de tempo para realizar-se.

As grandes polêmicas que gerou sua filiação política (logo depois da guerra, Neruda ingressou no partido comunista) fizeram com que durante muitos anos sua postulação ao Prêmio Nobel fosse adiada. Um de seus críticos (Carlos Hamilton) assinala que a conversão de Neruda ao comunismo tinha tirado e dado ao mesmo tempo algo importante à sua poesia. Tirou uns duzentos versos que são “como a frase que pode dizer um camarada indignado”. Mas ao mesmo tempo, ao não se sentir só na luta contra a miséria e a crueldade, o poeta ampliou seu discurso até alcançar a épica em *Alturas de Macchu Picchu* e depurou seu estilo até atingir uma magnífica simplicidade.

Depois do colapso da Espanha, Neruda foi para o México como cônsul, tendo participado cada vez mais de atividades políticas revolucionárias. Retornou ao Chile e foi eleito senador comunista. Conseqüentemente, foi perseguido, tentaram queimar sua casa, foi obrigado a se esconder e, finalmente, foi exilado. Durante esses anos – que correspondem ao final da década de 1940 –, escreveu a maior parte de sua imensa obra

El Canto general (1950), que com seus quinze ciclos ocupa 350 páginas de suas *Obras completas*.

Imediatamente depois da Segunda Guerra Mundial, Neruda considerou seriamente sua missão como poeta e assumiu as mudanças. Em vez de ser o poeta da morte, da melancolia e da derrota, chegou a ser o da luta, do trabalho, da alegria e da esperança. Sua poesia primeira é semeada em terra escura onde a morte espera, mas só como uma etapa de transformação, um caminho para a ressurreição. A poesia posterior é madura, ondulante, crescida, triunfal e coleta de uma riqueza imprevista. Chile é ainda o centro do grande poema épico do continente americano que é *El canto general*, que levou doze anos em escrever. Iniciado em 1938 só o terminou em 1950. Nele, o drama social chileno ocupa o maior espaço. A natureza chilena se apresenta como raiz e chave de toda essa épica elementar. É pintura histórica dinâmica aparentada com os afrescos dos muralistas mexicanos. É descrição da luta de classe com multidões em movimento. São biografias íntimas e militantes acerca de trabalhadores e dirigentes, de homens e mulheres do povo. Representa fragmentos da própria vida do poeta, confundido com os outros no combate. A obra oscila entre o amor e a ira, nunca o ódio. Grande parte desses poemas representa invocação, homenagem, culto do herói, uma amplificação direta e ritual do homem perseverante, cheio de esperança no seu trabalho, de criações e de objetos da natureza. Como quando invoca “Castro Alves del Brasil”, em *Los libertadores*:

*Castro Alves del Brasil, tú ¿para quién cantaste?
¿Para la flor cantaste? ¿Para el agua
cuya hermosura dice palabras a las piedras?
¿Cantaste para los ojos para el perfil cortado
de la que amaste entonces? ¿Para la primavera?*

Em *Alturas de Macchu Picchu*, está o homem com seus olhos que adoram e avaliam o que nasce da terra e dos elementos, em íntima união com a vegetação tropical, os grandes rios maternos, as formas de viver que se transformam em espécies de animais e pássaros. *Alturas de Macchu Picchu* expõe um encontro entre o poeta e a história: a antiga cidade dos Incas entre os despenhadeiros mais íngremes dos Andes é celebrada como um triunfo da união entre o homem e a natureza. Nesse livro, as

palavras de Neruda surgem como pássaros vivos e corações palpitantes. Desfilam nos versos os conquistadores, centauros fanáticos, furiosos de sede do ouro e do sangue.

Mas o poeta também mostra a realidade que os pressiona: a fome na velha Europa super-habitada, os piolhos que torturam os corpos durante os invernos frios, a inquisição ameaçadora. Os conquistadores emergem como heróis invertidos, condenados à violência e à aniquilação. Neruda clama ao ser, à natureza e ao homem desde sua visão metafísica e existencial através da contemplação de Macchu Picchu em toda sua imensidão, numa perspectiva de profundidade e altura. Vai da morte cotidiana do homem comum, a pequena morte, até a poderosa morte, a histórica e social, que traz na sua semente os signos da fecundidade do total, e assumindo sempre a voz dos vencidos canta:

Dadme el silencio, el agua, la esperanza.

Dadme la lucha, el hierro, los volcanes.

Apegadme los cuerpos como imanes.

Acudid a mis venas y a mi boca.

Hablad por mis palabras y mi sangre.

Alturas de Macchu Picchu 4

Neruda foi comunista pelo menos os últimos 30 anos de sua vida. Poeta foi desde criança. Porém, não era poeta-comunista. Numa entrevista concedida a *L'Express*, declarou: “Tenho escrito apenas sete mil páginas de poemas. Pois bem, não encontrarão quatro referentes à política. A política é a obsessão dos outros, não a minha. Misturaram-na à política... não é o essencial de minha poesia.”

Na década de 60, Neruda deu recitais nos Estados Unidos, e Archibald McLeish, decano dos poetas estadunidenses o apresentou ao público que o aclamou em Nova York, como “o maior poeta vivo hoje no mundo”.

Sua resposta mais categórica aos diversos questionamentos a sua devoção política, encontrei-a nas palavras finais do seu discurso de Recepção do Prêmio Nobel em 1971:

Eu venho de uma obscura província, de um país separado de todos os outros pela cortante geografia. Fui o mais abandonado dos poetas e minha poesia foi regional, dolorosa e chuvosa. Mas teve sempre confiança no homem. Não perdi jamais

a esperança. Por isso talvez tenha chegado até aqui com a minha poesia e também com a minha bandeira. Em conclusão, devo dizer aos homens de boa vontade, aos trabalhadores, aos poetas, que o inteiro futuro foi expresso nessa frase de Rimbaud: só com uma ardente paciência conquistaremos a esplêndida cidade que dará luz, justiça e dignidade a todos os homens. Assim a poesia não terá cantado em vão.

Superadas as barreiras políticas imediatistas, Neruda se perfila para sempre como um poeta realista, como o poeta social por excelência numa combinação de delicadeza e de força; preocupado com o homem que sofre, com os humildes, com os bosques e com a chuva; poeta da ansiedade de um continente e da dor da terra inteira.